



INTERNATIONAL COFFEE ORGANIZATION
ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL CAFÉ
ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ
ORGANISATION INTERNATIONALE DU CAFÉ

ICC 109-14

31 outubro 2012

Original: inglês

P

Conselho Internacional do Café
109.^a sessão
24 – 28 setembro 2012
Londres, Reino Unido

Relatório sumário do Seminário acerca do impacto econômico, social e ambiental da certificação sobre a cadeia da oferta de café

Antecedentes

1. Um Seminário acerca do impacto econômico, social e ambiental da certificação sobre a cadeia da oferta de café aconteceu no dia 25 de setembro de 2012, terça-feira, na sede da Organização Internacional do Café (OIC) em Londres, sob a presidência do Sr. David Braun, da Suíça. Os termos de referência do Seminário (documento ED-2131/12) foram preparados por um grupo de trabalho composto pelo Brasil, Colômbia, EUA e Suíça. O Presidente apresentou o relatório sumário reproduzido neste documento ao Conselho na 109.^a sessão deste, que transcorreu no período de 24 a 28 de setembro de 2012.
2. Cópias de todas as apresentações estão disponíveis aos interessados no site da OIC (<http://www.ico.org/pt/seminar-certification-p.asp>).

RELATÓRIO SUMÁRIO DO SEMINÁRIO ACERCA DO IMPACTO ECONÔMICO, SOCIAL E AMBIENTAL DA CERTIFICAÇÃO SOBRE A CADEIA DA OFERTA DE CAFÉ

1. O objetivo do Seminário foi disponibilizar informações aos Membros acerca do impacto econômico, social e ambiental da certificação sobre os vários níveis da oferta de café, da fazenda à xícara.
2. O Presidente observou que para dar melhores condições de subsistência nos países em desenvolvimento era preciso fortalecer a competitividade dos participantes do mercado e integrá-los melhor nos mercados mundiais. As iniciativas voluntárias de sustentabilidade podiam ajudar a fortalecer a competitividade e, assim, a promover o desenvolvimento sustentável, ao mesmo tempo que introduzindo padrões sustentáveis de consumo e produção. As iniciativas de certificação também podiam ser uma abordagem útil que as partes relevantes de diferentes elos da cadeia da oferta poderiam adotar para, juntas, lidar com questões específicas, como, por exemplo, o trabalho infantil, a segurança no trabalho, o uso responsável de fertilizantes e a organização dos agricultores. Para poder-se alcançar sustentabilidade nas cadeias da oferta dos produtos agrícolas, os aportes de uma vasta gama de participantes eram necessários.
3. O programa do Seminário dividia-se em três partes: 1) Apresentação das questões principais; 2) Perspectivas dos órgãos certificadores e do lado da demanda; 3) Perspectivas e experiências dos produtores de café.

Apresentação das questões principais

Sr. Daniele Giovannucci, Chefe do Comitê de Avaliação da Sustentabilidade (COSA): Visão geral das questões da certificação, pondo em relevo os resultados da análise comparativa realizada pelo COSA dos impactos relativos de diferentes esquemas de certificação/verificação

4. Para alcançar verdadeira sustentabilidade, é preciso entender o que funciona e o que não funciona de uma perspectiva do mercado, pois há sinais claros de um compromisso da indústria do café dos países consumidores em relação a uma cadeia produtiva inteiramente certificada. Em vista dos compromissos assumidos publicamente por grandes torrefadores, prevê-se que a participação dos cafés certificados no comércio mundial irá crescer para 18% do mercado até 2015. Isso leva a uma pergunta: Há um ponto crucial além do qual a produção sustentável se torna o padrão *de facto*? É importantíssimo avaliar o impacto dos padrões em múltiplos níveis – lavoura, meio ambiente, comunidade

e negócios/cadeia da oferta – usando instrumentos de medida claros e transparentes. A tendência é sempre à concentração nos aspectos econômicos, mas concessões significativas precisam ser feitas para levar em conta os aspectos sociais e ambientais.

5. A metodologia do COSA consiste em examinar consistentemente indicadores diversos em uma série de produtos agrícolas e países. Os dados resultantes sugerem que a certificação conduz a aumentos da produtividade, preços, receitas e renda líquida, e que há uma correlação positiva entre a certificação e melhorias em matéria de educação infantil e segurança alimentar. Considerando que a certificação como mecanismo de mercado pode ser um instrumento de desenvolvimento muito poderoso, precisamos examinar as melhores formas de explorá-la para servir os produtores, as cadeias da oferta, as comunidades e o meio ambiente. É importante notar que, como a relação custo-benefício nem é sempre clara, é preciso reduzir o custo do cumprimento das normas. Estão sendo testadas inovações que poderiam reduzir os custos e aumentar a eficácia global das iniciativas de sustentabilidade. Por último, para que a sustentabilidade siga na direção correta é preciso compreender melhor os vários elementos que a compõem.

Perspectivas dos órgãos certificadores e do lado da demanda

Sr.^a Annemieke Wijn, Membro da Diretoria, Aliança das Florestas Tropicais: Perspectiva de um importante órgão certificador

6. A Aliança das Florestas Tropicais se empenha em conservar a biodiversidade e garantir meios de subsistência sustentáveis através da transformação das práticas de uso da terra e de negócios, bem como da mudança dos comportamentos dos consumidores. Como a agricultura responde por mais de dois terços do desmatamento global, o elo entre a biodiversidade e as práticas de uso da terra é evidente. A simples mudança das práticas agrícolas, porém, não funciona sem o apoio do mercado. O esquema da Aliança é multiparticipativo e em grande parte se baseia em aportes dos produtores, sendo atualizado a intervalos regulares. A Aliança se envolve em todas as fases da cadeia de valor, mas o aspecto mais importante de seu envolvimento é a disponibilização de treinamento e apoio aos agricultores, sem os quais nada seria possível. A cadeia de custódia inclui aspectos como rastreabilidade, engajamento corporativo e, nos países consumidores, apoio de marketing e reconhecimento de marcas, necessários para criar não só um café sustentável mas também um mercado para ele.

7. Para os cafeicultores, a certificação pode significar um leque de custos e benefícios. Normalmente, o custo é de US\$40 por hectare ou US\$0,02/kg, mas há enormes diferenças devido a efeitos de escala e à observância anterior. O benefício líquido vai de um valor real

negativo para um valor real positivo de US\$0,15/kg, com um benefício típico de cerca de US\$0,11/kg. Benefícios econômicos líquidos em geral são obtidos pelos pequenos cafeicultores das cooperativas e pelas fazendas médias ou grandes através de maior produtividade, melhores preços, maior acesso aos mercados, menor uso de produtos agroquímicos e maior eficiência. Há evidentes benefícios sociais, na forma de melhor atendimento de saúde, moradia, acesso a educação e organização; e o meio ambiente é favorecido pela melhoria das práticas agrícolas e do tratamento do solo e da água. Embora a demanda por café certificado seja grande, porém, a produção está se tornando mais lenta. A sustentabilidade econômica requer suficiente produtividade e qualidade, pois os cafeicultores não conseguem prosperar quando sua produtividade é baixa. Para garantir crescimento contínuo é preciso disponibilizar treinamento e desenvolver organizações.

Sr.^a Nathalie Ritchie, Chefe de Aquisições Éticas e Agricultura Sustentável, Kraft Foods, Reino Unido: Perspectiva de um importante torrefador

8. As normas de certificação e sustentabilidade podem contribuir para um futuro melhor. Sendo um importante comprador de produtos básicos, a Kraft Foods julga ter uma responsabilidade em relação ao futuro de seus fornecedores. A meta inicial de 25% de aquisições sustentáveis até 2015 já foi alcançada, e agora, como a certificação se tornou rotineira, é preciso ampliar seu uso. A Kraft pretende conseguir 100% de café certificado até 2015, em comparação com 35% em 2012. O desafio consiste em obter matéria-prima de qualidade em um mercado muito competitivo e, ao mesmo tempo, lidar com os efeitos das mudanças climáticas, o envelhecimento da população rural e o declínio correlato da agricultura, pela redução dos impactos ambientais e apoio às comunidades agrícolas.

9. Como os consumidores estão basicamente interessados em qualidade e preço, o objetivo é conseguir sustentabilidade por meio das seguintes ações: deslocar-se de normas de certificação múltiplas rumo a linhas básicas e avaliação comparativa; substituir prêmios por investimento na origem, para obter sustentabilidade de longo prazo; passar da rastreabilidade para a transparência em toda a cadeia da oferta; mudar dos compromissos referentes a volume para os resultados mensuráveis; e, finalmente, transcender a aceitação dos participantes via marcas, passando a uma rede inconsútil de confiança com os consumidores.

Sr.^a Karin Kreider, Diretora de Expansão, Aliança ISEAL: Questões relacionadas com a expansão e harmonização de normas de observância voluntária

10. A ISEAL, uma organização associativa, compreende sistemas de certificação e órgãos de credenciamento entre os quais, na esfera do café, a Aliança das Florestas Tropicais,

a Rede da Agricultura Sustentável, a UTZ Certified e a Associação 4C. Seus objetivo é obter padrões e certificações tão eficazes quanto possível através das seguintes estratégias: construção de consenso quanto a melhores práticas; colaboração inovadora com outros usuários; aprendizagem compartilhada; engajamento dos participantes; conscientização de como os sistemas funcionam e do que pode ser conseguido; e defesa desta série de elementos.

11. A ISEAL elaborou três códigos de boas práticas. O primeiro estabelece padrões que envolvem transparência, acessibilidade e o engajamento de múltiplos participantes, a fim de garantir aceitação ampla e aplicabilidade local. Um código de impactos, lançado em 2010, mostrou que as iniciativas de sustentabilidade precisam desenvolver sistemas de monitoramento e avaliação para apreciar se os efeitos desejados foram obtidos e se há necessidade de ajustes. A última peça é um código de garantias que analisa a avaliação dos riscos e visa à eliminação de barreiras para os produtores. Um conjunto abrangente de princípios surgiu desses códigos de forma natural, e no momento a ISEAL está engajada numa consulta multiparticipativa para estabelecer o que define a credibilidade neste contexto.

12. As questões centrais com que as normas de sustentabilidade lidam, idealmente, combinam a melhor compreensão científica com as normas e valores da sociedade; referem-se a normas internacionais como as das convenções centrais da Organização Internacional do Trabalho (OIT); observam as melhores práticas de gestão; são elaboradas em um processo multiparticipativo; representam um compromisso entre as melhores práticas e o que é factível; e cobrem um subconjunto de questões ambientais e sociais essenciais. A maioria das certificações procura englobar e alargar o que já é conhecido no respectivo setor, além de cobrir questões econômicas como qualidade e produtividade, procurando outros meios de beneficiar os produtores à medida que os prêmios caem.

13. A ISEAL procura liderar inovações nos sistemas de padrões, através de aprendizado colaborativo, do exame de questões como custos e barreiras à certificação e do incentivo à colaboração entre esquemas de certificação. Procura também estimular a credibilidade dos esquemas nacionais e criar uma interface entre eles e os esquemas internacionais. Os esquemas, anteriormente um instrumento de marketing, evoluíram para se tornar um instrumento de gestão da cadeia da oferta, inovando para demonstrar seu impacto e seus benefícios para os produtores e reconhecendo a importância tanto da qualidade e da produtividade quanto dos aspectos sociais e ambientais. Um enfoque modular pode ser a chave para torná-los menos dispendiosos e de difusão mais fácil.

Perspectivas e experiências dos produtores de café

Sr. Filtone C. Sandando, Gerente de Projetos, Associação dos Cafés Finos da África (AFCA): As atividades do projeto do Fundo Comum para os Produtos Básicos (FCPB) e da OIC sobre capacitação em certificação e verificação de café dirigido aos produtores de cafés especiais dos países da AFCA, e lições aprendidas sobre certificação e verificação na África

14. Com financiamento da União Europeia (UE) e do FCPB de US\$4,5 milhões e supervisão da OIC, e com a AFCA no papel de Agência de Execução, este projeto, que tem 6.030 beneficiários e uma duração de cinco anos, vem sendo implementado em nove países: Burundi, Etiópia, Malauí, Quênia, Ruanda, Tanzânia, Uganda, Zâmbia e Zimbábue. Seu objetivo geral é dar aos cafeicultores maior capacidade de alcançar os padrões de certificação e verificação e, com isso, elevar o nível dos cafés certificados e verificados, para satisfazer à previsão de uma demanda mundial por cafés certificados em volume equivalente a 25% dos cafés africanos.

15. As principais atividades do projeto incluem o treinamento de mestres treinadores, de treinadores de treinadores, de certificadores/verificadores e de agricultores. Depois de treinados por provedores de serviços, os mestres treinadores traduzem suas habilidades ou perícia aos treinadores de treinadores, e estes então instruem os agricultores no cumprimento das diversas normas de certificação ou verificação. Os certificadores e verificadores recebem instrução de um provedor de serviços credenciado pelos diversos esquemas de certificação particulares.

16. Desde que se tornou claro que, no processo de implementação, existe uma lacuna entre treinamento e observância, as iniciativas para capacitação devem ser seguidas por outros cujo objeto são os custos da observância. Na África, diversas variáveis, que variam de esquema para esquema, afetam esses custos. Como diferentes esquemas enfatizam diferentes aspectos, sejam eles sociais, econômicos ou ambientais, o preparo dos agricultores para uma certificação multifacetada levará a custos mais baixos, caso decidam mudar de um esquema para outro.

17. Em conclusão, através de capacitação para a certificação e a verificação, o projeto dá aos cafeicultores a oportunidade de se preparar para mercados que requerem volumes sustentáveis, pondo em relevo aspectos como a qualidade e o meio ambiente.

Sr. Carlos Ariel García, Pesquisador Sênior, Centro de Estudos Regionais, Cafeeiros e Empresariais (CRECE), Colômbia: Evolução e perspectivas das iniciativas de sustentabilidade, incluindo resultados da avaliação de impacto e pontos altos das pesquisas empreendidas na Colômbia

18. Um exame dos dados relativos ao impacto das normas e esquemas de certificação sobre os cafeicultores da Colômbia mostra sua evolução gradual, que exigiu apoio governamental e institucional para alcançar os resultados desejados. A participação dos programas do café sustentável no mercado vem mudando depressa. Em termos mundiais, a produção de café sustentável cresceu para mais de 20 milhões de sacas nos dez últimos anos, e cada vez mais cafeicultores colombianos vêm adotando esses esquemas: em 2011 quase 20% (130.000 propriedades agrícolas) produziam cafés verificados e sustentáveis. No entanto, não se dispõe de dados suficientes para comparar o impacto das iniciativas mais importantes sobre a cafeicultura, com um número desproporcional de estudos se concentra nas certificações Fair Trade e orgânica.

19. Adotando uma visão ampla das normas, o estudo do COSA colombiano foi lançado em 2008 para examinar quatro esquemas de certificação (Fair Trade, Organics, Rainforest Alliance e UTZ Certified) e três códigos de conduta (4C, Nespresso AAA e C.A.F.E. Practices), incluindo um grupo de controle de cafeicultores convencionais em uma amostragem total de 2.477 propriedades de café. Medindo o impacto social, ambiental e econômico das iniciativas de sustentabilidade no longo prazo, o estudo examinará os instrumentos mais apropriados para os cafeicultores. Nota-se que, à medida que a percepção dessas iniciativas pelos cafeicultores melhora, sua adoção aumenta e as práticas de conservação ambiental progredem.

20. Treinamento muito intenso tem sido disponibilizado aos pequenos cafeicultores, mas o número de horas vem caindo devido à redução dos orçamentos das instituições de apoio. Pergunta-se se os produtores levarão estas práticas adiante na hipótese de o apoio institucional ser interrompido. Um fator a observar é que a receita líquida dos produtores certificados subiu muito, e que a dos produtores convencionais caiu. Em consequência, a certificação vem aumentando, mas a quantidade de café vendida às iniciativas vem diminuindo e, embora a satisfação dos cafeicultores com as iniciativas em geral ainda seja alta, a porcentagem dos que estão satisfeitos vem declinando desde 2008. Os níveis de satisfação com as iniciativas dependem dos níveis de receita, e receitas mais altas levam a maior satisfação.

21. A evolução das iniciativas de sustentabilidade do café nos quatro últimos anos mostra um avanço positivo em matéria de práticas agrícolas. No entanto, a natureza do impacto é difícil de avaliar e sua avaliação exige uma escala temporal mais alongada, além de investimentos adicionais em conhecimentos e apoio institucional.

Sr. Gabriel Ferreira Bartholo, Gerente-Geral, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Brasil: Evolução e perspectivas das iniciativas de sustentabilidade – experiências na obtenção de certificação e pesquisas empreendidas no Brasil

22. Embora os três pilares da sustentabilidade (social, econômico e ambiental) sejam importantes, especial ênfase deve ser dada ao aspecto econômico. Para conseguir uma vantagem comparativa, é preciso promover o uso eficiente de recursos geradores de riqueza. Não havendo uma estratégia geral, obstáculos estruturais ao desenvolvimento da sustentabilidade do setor cafeeiro prevalecem. Pode-se promover a produtividade e a qualidade através de conhecimentos técnicos mais extensos, uso de tecnologia e introdução de cultivares mais produtivos que têm levado a um aumento do rendimento de 21 para 27 sacas por hectare.

23. Para conseguir sustentabilidade, é preciso que haja mudanças nas práticas agrônômicas, de processamento e comerciais, além de legislação que apoie a capacidade técnica existente. Em termos de práticas pós-colheita, isso significa o uso de tecnologias inovadoras, como, por exemplo, as que se usam na reciclagem das águas residuais do processamento de café. Também é preciso investir mais em treinamento.

24. Face ao crescimento da demanda por cafés diferenciados a expensas dos produtos genéricos, para obter uma vantagem competitiva os produtores precisam melhorar suas práticas agrícolas e de gestão, fortalecer as estruturas de suas organizações e adotar novas tecnologias e sistemas de gestão. A iniciativa denominada Produção Integrada de Café (PIC) procura estabelecer um código de conduta fundamentado nos componentes operacionais necessários para o cumprimento de normas gerais. Um selo garante que o café satisfaz a diversos critérios, como em outros setores bem-sucedidos – o das frutas, por exemplo, que tem conseguido reconhecimento internacional. A meta da primeira fase, para a qual se estabeleceu uma linha de crédito de BRL\$50 milhões, é aprimorar o modelo atual através de produção integrada.

25. O Programa “Certifica Minas Café” foi criado em 2007 pelo Estado de Minas Gerais, que responde por 50% da produção de café do Brasil, com o objetivo de promover boas práticas. Contando com a cooperação técnica da UTZ Certified, o Programa se concentra nas práticas ambientais e tem levado a uma redução dos custos da certificação. Um acordo

de cooperação técnica com a Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC) fixou um prêmio de 10% a 25% para a qualidade do produto. Houve um crescimento significativo dos cafés especiais no Estado de Minas, onde cerca de 1.800 propriedades agrícolas foram certificadas em 2012. Maior eficiência técnica, produtividade e rentabilidade dão uma visão do futuro do setor cafeeiro do Brasil.

Dr. Misnawi Jati, Pesquisador Sênior e Chefe do Departamento de Tecnologia Pós-colheita, Instituto de Pesquisa do Café e do Cacau da Indonésia (ICCRI): Desafios da certificação do café sustentável na Indonésia

26. Na Indonésia, 91% dos cafeicultores são pequenos, cultivando menos de um hectare. As grandes áreas terrestres e a diversidade dos cultivos levaram a “especificidade” dentro de uma vasta gama de tipos de cafés, que inclui duas origens geográficas desenvolvidas recentemente: Kintamani e Flores-Bajawa. Os excelentes antecedentes da Indonésia em matéria de sustentabilidade resultam da índole familiar do setor cafeeiro do país, mas há questões de qualidade, sobretudo quando as propriedades ficam longe das instalações de processamento e continuam a processar por via seca. Em torno de 46 empresas, com uma produção anual aproximada de 767.000 sacas, lidam com café certificado. Os padrões orgânicos internacionais são os mais firmemente estabelecidos; em seguida vêm outras certificações internacionais e um esquema nacional denominado Organic Standard National Indonesia (OSNI), que cobre especificamente o café orgânico. Ao comparar diferentes esquemas, vê-se que cada um se concentra em uma dimensão. Isso pode causar preocupações, pois alguns cafeicultores precisam obter certificação de dois ou três programas distintos.

27. As exigências de um esquema específico podem causar problemas, devido ao pequeno tamanho das propriedades e às condições locais, com a multiplicidade de programas de certificação levando a confusão e altos custos. Embora o incentivo básico aos cafeicultores seja o aumento das receitas, é importante eles estarem cientes dos outros benefícios da produção sustentável. Ao mesmo tempo, o declínio do interesse dos consumidores e dos prêmios pode reduzir o incentivo para lidar com certos esquemas. O Governo já se empenha em apoiar a sustentabilidade, promovendo o empoderamento das organizações de produtores, melhoria da qualidade e da produtividade, fortalecimento do mercado interno, aumento do valor agregado das exportações de café, desenvolvimento da relação entre cafeicultores e exportadores e aplicação de boas práticas ao negócio do café. Para simplificar e conciliar muitos sistemas diferentes em um esquema nacional que seja econômico, é vital que se construa um sistema aplicável em escala local mas também aceito em escala global.

Discussões e questões

28. Durante a sessão de perguntas e respostas, os delegados suscitaram diversas questões relativas ao valor agregado da certificação e da percentagem que obtém prêmios; à redução dos custos da certificação; e aos benefícios das certificações múltiplas em confronto com normas básicas. O painel esclareceu que os prêmios variam de 10% a 100%, e que em média se vende pelo menos metade de todo o café certificado com prêmios. Como múltiplas certificações alargam a diferenciação de mercado, os cafeicultores deveriam poder aplicar todas elas, mas de modo mais simples e menos dispendioso. A adoção de normas básicas é um meio eficaz de facilitar a expansão e a harmonização dentro do setor. Com respeito à substituição que se vai percebendo da rastreabilidade pela transparência, o painel respondeu que é difícil e muito caro para os torrefadores conseguir rastreabilidade total, devido à natureza complicada da cadeia da oferta.

29. Entre outras, foram suscitadas as questões dos critérios para a seleção do esquema apropriado; do aumento dos benefícios económicos e da redução dos custos da certificação; e da possibilidade de harmonizar as normas. O painel respondeu que os certificadores estão buscando modos de harmonizar a linguagem, reduzir a complexidade e tornar o processo mais fácil, com o propósito de reduzir custos no final. Nos casos em que não há diferenças entre as normas, a certificação múltipla seria mais fácil de conseguir. No entanto, como as agências de certificação são propelidas por toda uma série de objetivos distintos, a harmonização total pode não ser viável ou até mesmo desejável. Com respeito à questão da escolha de esquemas, em situações em que o analfabetismo entre os cafeicultores é grande, deveria confiar-se a comitês de gestão a tarefa de educá-los acerca dos benefícios de uma determinada iniciativa. No contexto do projeto da AFCA, um manual comum de padrões foi elaborado para capacitar aos cafeicultores cumprir as exigências e possibilitar a chamada “combiauditoria” – a combinação de duas ou três auditorias diferentes em uma única sessão, assim reduzindo os custos. A certificação não é um objetivo em si própria, mas um passo em direção à sustentabilidade, ajudando o comércio a lidar com esta e possibilitando que os consumidores realizem seu desejo de comprar café sustentável.

Resumo do Presidente

30. Com o crescimento da demanda por café certificado, o setor está planejando expandir suas atividades neste campo. Embora seja óbvio que a certificação pode ter um impacto positivo, ainda persistem questões quanto a prêmios e confusão quanto aos esquemas, com os quais só se pode lidar através de cooperação entre todos os interessados. As principais questões suscitadas foram as seguintes:

- Há sinais claros de empenho do setor cafeeiro dos países consumidores em conseguir uma cadeia produtiva inteiramente certificada.
- O impacto da certificação precisa ser examinado em múltiplos níveis mediante uso de instrumentos de mensuração claros e transparentes, sobretudo pelas instituições dos países produtores.
- Os custos e benefícios da certificação para os cafeicultores dependem em grande parte da escala e da observância anterior.
- Como os prêmios tendem a diminuir com o tempo, os cafeicultores precisam considerar os benefícios mais amplos da certificação.
- A multiplicidade de esquemas de certificação tem levado a um deslocamento rumo a uma norma básica.
- Os esforços dirigidos à capacitação dos produtores precisam ser acompanhados por esforços voltados para a resolução da questão dos custos de observância.
- Há sinais de um deslocamento da rastreabilidade em direção à transparência em toda a cadeia da oferta.
- Uma avaliação do impacto no longo prazo, usando dados de modo geral comparáveis, é necessária para testar a durabilidade dos diversos impactos das normas e sistemas de certificação.
- A certificação não é um objetivo em si própria, mas um instrumento que possibilita uma elevação dos padrões por todos os cafeicultores.